

## O CASO DO CAARÓ E PIRAPÓ: A ANÁLISE DE UM EVENTO RELIGIOSO A PARTIR DA MÍDIA IMPRESSA, 1937-1945

DIOSEN MARIN<sup>1</sup>

JÚLIO RICARDO QUEVEDO DOS SANTOS<sup>2</sup>

### 1. Introdução

Este trabalho é uma das vertentes do projeto de mestrado e, encontra-se inserido na linha de pesquisa *Integração, Política e Fronteira* do Programa de Pós-Graduação em História (PPGH) da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), que tem como um de seus principais objetivos estabelecer a relação entre o governo de Getúlio Vargas, durante o Estado Novo (1937-1945), e a Igreja católica. Essa narrativa é permeada pela presença da Companhia de Jesus, pois ela inicia-se com o assassinato dos padres Roque, Juan e Alonso em novembro de 1628, que integravam essa congregação. Entretanto, por trezentos anos essa história é rememorada com maior interesse entre os integrantes da instituição, e torna-se pública em 1928, momento em que a Igreja católica incita a população a rememorar o tricentenário do martírio e render homenagem aos padres.

Porém, o contexto histórico da década de 30, momento em que o Estado e a Igreja católica aproximam-se, favorece o fortalecimento dessa relação, como demonstra Marta Borin em sua tese de doutorado “Por um Brasil católico: tensão e conflito no campo religioso da República (Rio Grande do Sul, 1900-1930)”. Essa aproximação do Estado com a Igreja católica na década de 30 foi pertinente para a Companhia de Jesus, que comemorou seu quarto centenário em setembro de 1940, como podemos observar na revista *UNITAS: Revista Eclesiástica da Arquidiocese de Porto Alegre*, edição de setembro/outubro de 1940. Assim, era pertinente aos membros da Companhia de Jesus terem algum vínculo com a História brasileira, nesse sentido elegeram os padres assassinados no início das missões jesuítas na América do Sul, período em que o território, ainda, não correspondia ao atual Estado brasileiro, são apresentados como figuras relevantes da trajetória da instituição no Brasil.

Dessa forma, pretendemos demonstrar a importância que a ação da Companhia de Jesus teve sobre a sociedade na região das missões e, como isso repercutiu no regional, para

---

<sup>1</sup> Mestranda em História do Programa de Pós-Graduação em História (PPGH) da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM); linha de pesquisa *Integração, Política e Fronteira*; Bolsista CAPES; [diosen.hist@gmail.com](mailto:diosen.hist@gmail.com).

<sup>2</sup> Professor do Programa de Pós-Graduação em História (PPGH) da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM); linha de pesquisa *Integração, Política e Fronteira*; Doutor em História pela USP; orientador do trabalho; [j-quevedo@uol.com.br](mailto:j-quevedo@uol.com.br).

2

isso elegemos duas revistas, uma dedicada ao clero, a revista UNITAS: Revista Eclesiástica da Arquidiocese de Porto Alegre, e outra também direcionada ao clero, mas que também pretendia atingir os leitores católicos, a revista Rainha dos Apóstolos. Nesse sentido, o artigo se divide em dois momentos, primeiro iremos apresentar a história dos mártires e do martírio e como essa história é rememorada pelos clérigos durante os trezentos anos em que o evento tem maior repercussão entre os componentes da Igreja católica, até a comemoração do tricentenário dos assassinatos dos padres em 1928, ainda nesse item discutiremos alguns conceitos-chave para o seu entendimento como memória e história.

E, posteriormente, trataremos especificamente da vertente geral do projeto de mestrado, ao tratar da aproximação entre o Estado e a Igreja Católica, a fim de demonstrar a ação política da Igreja católica, e por consequência da Companhia de Jesus, durante o Estado Novo (1937-1945). E, para cumprirmos esse objetivo verificaremos como as revistas apresentam os padres, com destaque para o coração do Pe. Roque González, e como é representado o “inimigo” do governo e da Igreja católica, o comunismo/comunistas.

## **2. Sobre os padres Roque, Alonso e Juan e a narrativa de suas mortes**

Em novembro de 1628 o território que hoje corresponde ao Estado do Rio Grande do Sul pertencia aos espanhóis e, teve a sua história marcada pela passagem de três evangelizadores, Roque González de Santa Cruz, Alonso Rodriguez e Juan del Castillo. Esses homens nasceram em diferentes lugares, Alonso e Juan na Espanha e Roque no Paraguai. Eram todos de famílias abastadas, mas tornaram-se sacerdotes e uniram-se na morte. No dia 15 de novembro de 1628, foram mortos os padres Roque González e Alonso Rodriguez na localidade de Caaró, e dois dias depois, na localidade de Assunção de Ijuí, foi assassinado o padre Juan del Castillo.

No ano de 1629, foi iniciado o processo de reconhecimento dos padres como mártires da Igreja Católica. As lembranças desse evento são retomadas durante as homenagens ao tricentenário do assassinato dos padres. Elas intensificaram a devoção popular e isso permitiu que, em 1934, a Igreja Católica aceitasse a beatificação dos padres. Entretanto, só foram canonizados em 1988 pelo Papa João Paulo II.

Após o episódio do martírio, por trezentos anos, esse evento foi lembrado em cartas, pelos companheiros, padres da Companhia de Jesus, dos sacerdotes Roque, Alonso e Juan,

3

assim como pela documentação interna da congregação desde o século XVII<sup>3</sup>. Referente à documentação epistolar dos jesuítas, podemos afirmar que permitiram as trocas entre os padres da Companhia de Jesus e seus superiores de Roma, além disso, possibilitaram compreender a atuação dos padres nas frentes de evangelização, as cartas anuais correspondem as fontes que melhor apresentam o estudo das culturas indígenas sob a dominação colonial.

A Companhia de Jesus tratou a seus documentos como monumentos, tanto pelo seu caráter de registro e homenagem dos episódios, quanto pela intencionalidade do que foi produzido. Com isso, é relevante mencionarmos a dedicação do grupo em preservar o que ficaria para a posteridade. A partir disso, podemos afirmar que (OLIVEIRA, 2009: 53): “todo o documento é monumento na medida em que supõe uma intencionalidade, encerra determinadas relações de poder e projeta para o futuro uma imagem desejada de alguém, de uma instituição, de um acontecimento, ainda que involuntariamente”.

Nessa mesma perspectiva encontramos a consideração de Le Goff (1984), que também propõe a noção de documento/monumento, além disso, suas concepções estão adequadas ao que o Oliveira (2009) pretende ao utilizar as fontes jesuíticas. Para Le Goff (1984), o binômio documento/monumento chama a atenção exatamente por seu caráter de construção, ou de montagem, em que um discurso é forjado, a fim de reificar uma personagem ou, no intuito, de criar um mito. Ou seja, a Romaria do Caaró pode ser entendida como um documento/monumento, uma vez que sua consolidação é resultado da construção de Roque González como mito fundador das missões, na região que hoje compreende o Brasil, a Argentina e o Paraguai, a qual foi traduzida, posteriormente, como os 30 povos das missões.

É relevante mencionarmos a preocupação que os padres da Companhia de Jesus dispensam ao passado e a memória da instituição. Além disso, um grande número de jesuítas dedica-se a rememoração da obra missionária jesuítica (que tem como principal fonte a correspondência epistolar), com isso é evidente a importância que atribuem à história, por ser sua escrita uma possibilidade de resguardar a memória da instituição.

A partir da relevância atribuída pela Companhia de Jesus para a preservação da memória, é pertinente rememorarmos a escrita de alguns padres, dentre eles do padre Maria José Blanco (1929 apud OLIVEIRA, 2009) que entre os anos de 1928 e 1929 publica uma

---

<sup>3</sup>O historiador Paulo Rogério Melo de Oliveira analisa em sua tese, citada anteriormente, a documentação referida, sendo que esse artigo será permeado pelas leituras do historiador, uma vez que era inviável acumular a leitura dessa documentação, devido a sua raridade e a dificuldade em ter acesso as mesmas.

4

história documentada sobre os mártires de Caaró, no mesmo período em que são renovadas as tentativas de beatificação aos mártires. No discurso do padre Blanco a beatificação do Pe. Roque González justifica-se pelo fato dele ter sido um missionário pioneiro, que entregou sua vida em prol da cristianização dos indígenas. A defesa de sua santidade encontra-se embasada na vasta documentação, a qual é tida pelo padre Blanco (1929) como uma espécie de atestado de veracidade histórica do passado evocado. Ele trata as fontes de maneira científica, ao crer na objetividade dos documentos, no intuito de atribuir veracidade a documentação recolhida, pois a produção dessa documentação é contemporânea ao período do martírio. A cientificidade com que Blanco (1929) apresenta o documento como verdade inquestionável, em momento algum questiona as intenções ou as condições de sua produção.

Além de Blanco (1929), inúmeros outros padres escrevem sobre as missões jesuíticas, dos quais podemos destacar o jesuíta Nicolas del Techo (1673 apud OLIVEIRA, 2009), que inaugura uma historiografia voltada para as missões do Paraguai, a partir do livro *Historia de la Provincia del Paraguay de la Compañia de Jesús*, publicado em 1673. Neste livro, os jesuítas são apresentados como verdadeiros heróis e o Paraguai, com isso, converte-se em um palco de lutas dramáticas em que os heróis jesuítas combatem a idolatria. Em sua escrita, apesar de se propor a escrever exclusivamente a verdade, ele se posiciona como um jesuíta, pois não deixa de descrever a *Historia de la Provincia del Paraguay* como a história dos triunfos da Companhia e de seus heróis contra o demônio, representado pelos indígenas.

Da mesma maneira, Pedro Lozano (1754 apud OLIVEIRA, 2009) produz sua obra aos moldes jesuítas, isso ao utilizar o mesmo estilo triunfante de Techo. Por sua erudição, Lozano, foi cronista da Companhia na Província do Paraguai, enquanto ocupou esse cargo foi encarregado de redigir as reclamações da Companhia de Jesus contra o Tratado de Madri em 1750. Em seus escritos, a nação Guaraní é descrita com interesse e cuidados quase etnológicos, seus costumes, sua forma de moradia, e sua organização política e religiosa. Mas esse cuidado narrativo não os humanizava, pois ainda eram descritos como feras selvagens e idolatras. Sua obra consagra as vitórias dos jesuítas sobre os índios, isso através da inserção/imposição da fé cristã, e também com a extirpação dos vícios e através da vitória das virtudes.

A literatura de glórias e grandes feitos produzidos pelos jesuítas era cotidianamente (re)construída entre os integrantes da companhia, e nos momentos difíceis para legitimar seus atos. E foi isso, o que fez o abade italiano Ludovico Antonio Muratori (1743 apud

5

OLIVEIRA, 2009) quando em 1743, período em que os jesuítas são expulsos da América espanhola e portuguesa, escreveu, a partir da correspondência epistolar, o livro *O cristianismo feliz nas missões jesuíticas*, a qual pretendia evocar o passado glorioso e, com isso, exorcizar o presente degradante e ameaçador.

No ano de 1912, o padre espanhol Pablo Pastells (1912 apud OLIVEIRA, 2009) publica *A Historia de la Compañia de Jesus en la Provincia del Paraguay*, a fim de comemorar o centenário de restauração das missões jesuíticas, que ocorreria em 1914, pois as missões do Paraguai foram a mais gloriosa, assim como a mais perseguida. Ainda em 1912, também se tornou publica a *Historia de la Compañia de Jesus em la Asistencia de Espana*, de autoria do jesuíta espanhol Antonio Astrain (1902-09 apud OLIVEIRA, 2009). Seu propósito era narrar desde a origem da Companhia até a sua supressão em 1753 por Clemente XIV.

Essa rápida revisão sobre a escrita jesuítica desde os primeiros anos do martírio, é uma tentativa de historicizar esse processo, uma vez que, por trezentos anos a memória desse fato histórico restringiu-se às obras dos jesuítas, e com isso, essa documentação foi utilizada a fim de reconhecer as mudanças e as permanências do discurso jesuítico sobre o martírio.

Além dessas obras, algumas outras reflexões são necessárias, isso no que se refere a concepções sobre memória e história, uma vez que, essas definições serão utilizadas ao longo da escrita deste artigo e, com isso, é pertinente a definirmos antes de desenvolvermos uma escrita que as contemple.

Para as construções que desenvolveremos nesse texto, as definições de Nora tornam-se necessárias, dentre elas a primeira que podemos destacar refere-se a mudança no modo de percepção histórica. A percepção histórica ampliou-se com o auxílio da mídia, e isso nos permite uma troca da memória embasada na herança de sua intimidade por outra memória efêmera da atualidade, ou seja, permitiu-nos ver a história acontecer diante de nossos olhos.

Em suas palavras Nora (1993: 9) define memória e História como o oposto uma da outra:

Memória, História: longe de serem sinônimos, tomamos consciência que tudo opõe uma à outra. A memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta a dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, susceptível de longas latências e de repentinas revitalizações. A História é a reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais. A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente; a História uma representação do passado.

Ainda, em relação às concepções, definições, dos conceitos de memória e História, é relevante nos atermos a definição que Foucault (1987) nos apresenta, na tentativa de extirpar a imagem da História como simples memorização do passado milenar, organizada a partir dos documentos. Assim, Foucault (1987: 7-8) sustenta que o “documento não é o feliz instrumento de uma história que seria em si mesma, e de pleno direito, *memória*; a história é, para uma sociedade, uma certa maneira de dar *status* e elaboração à massa documental de que ela não se separa”. Essa citação consiste na crítica a uma construção Histórica embasada, exclusivamente, nos documentos, demonstrando que os documentos não são nem a memória, nem a História. Com isso, o autor pretende demonstrar que a História é mais do que a compilação dessa documentação traduzida, posteriormente, como a memória do período.

Até o momento tratamos dos conceitos de História e memória, entretanto também é relevante apresentarmos algumas considerações sobre o termo esquecimento, pois estamos lidando com a escolha de uma memória sobre o assassinato dos padres. Assim, o que observamos é que a memória não é “natural”<sup>4</sup>, mas sim um processo histórico, permeado por uma trajetória de esquecimentos. Nesse sentido, o que Jacy Alves Seixas (2003) procura demonstrar é o quanto a memória sobre o passado é formulada, “construída”, a partir das necessidades e vivências do momento, ou seja, o passado é rememorado para que se possa legitimar o presente. Entretanto, a memória e o esquecimento são conceitos que devem ser elaborados de forma a se complementarem e não a se sobreporem. Assim, no momento em que é rememorado o assassinato dos padres devido as comemoração ao seu tricentenário de martírio temos um contexto político bastante específico, ou seja, identificamos que durante o Estado Novo (1937-1945) a Igreja católica e o governo aproximam-se a fim de combaterem um “inimigo” comum o comunismo/comunista, porém essa discussão será realizada no próximo item.

### **3. Sacralização da política: relações entre o Estado Novo e a Igreja católica no combate ao “inimigo” comum, o comunismo.**

---

<sup>4</sup> Essa perspectiva corrobora com a proposta apresentada por Jacy Alves de Seixas em: SEIXAS, Jacy Alves de. Tênuas fronteiras de memórias e esquecimentos: a imagem do brasileiro jecamacunaímico. In: GUTIÉRREZ, Horacio; NAXARA, Márcia Regina Capelari; LOPES, Maria Aparecida de S. (orgs.). **Fronteiras**: paisagens, personagens, identidades. São Paulo: Olho D'Água, 2003.

Antes de nos atermos a aproximação entre o Estado e a Igreja católica durante o Estado Novo, ao tratarmos da sacralização da política e do combate ao comunismo/comunista, faremos uma breve apresentação das características das fontes selecionadas. A revista *Rainha dos Apóstolos* pode ser definida como uma publicação de ação múltipla, ou seja, formulava o programa, organizava e gerenciava os interesses da Congregação Palotina, a qual chegara ao Rio Grande do Sul em missão católica em 1886 e se expandirá muito desde então. A revista *Rainha* desde a sua primeira edição, de abril de 1923, já deixou clara a sua posição editorial ou seu *ethos*<sup>5</sup>, a partir da qual se propõe a ser uma publicação dedicada a propagar e defender as missões católicas, tanto no Brasil quanto no mundo. Entretanto, sua abordagem hoje é diferente da adotada no período estudado. Enquanto que a revista UNITAS – Revista Eclesiástica da Arquidiocese de Porto Alegre teve sua primeira edição publicada em setembro de 1913. Assim, constituiu-se num órgão oficial da Igreja católica no Rio Grande do Sul, que pretendia articular o Clero, para a qual a revista se propõe, ao levar os fatos principais da vida da Arquidiocese, os atos da administração episcopal no Estado, e os atos mais importantes oriundos de Roma.

Um dos questionamentos do projeto de mestrado compreende o entendimento dos motivos que levaram a Igreja Católica a rememorar o assassinato dos padres naquele momento histórico, sendo que na década de 20, no caso da revista *Rainha dos Apóstolos* em um artigo de 1924, temos a retomada do assassinato dos padres. Uma das hipóteses é de que a Igreja Católica estivesse preparando a população para a “comemoração do tricentenário do martírio”<sup>6</sup>, essa proposição não foi descartada por não estar incorreta, mas observamos que ela estava incompleta. Assim, a outra hipótese que justificaria os motivos da Igreja Católica rememorar os padres naquele momento, refere-se ao temor com o avanço do “comunismo”, pois em 1924 a Coluna Prestes percorre o noroeste do Estado, ou seja, na mesma data que se fala pela primeira vez dos mártires na revista *Rainha dos Apóstolos*.

Sobre esse episódio consideramos que não justifica, mas aponta os caminhos que levou a população a incorporar o discurso compartilhado pelo Estado e a Igreja Católica, segundo os quais os “comunistas” eram inimigos e que por esse motivo deveriam ser

---

<sup>5</sup>De acordo com Maingueneau, “o discurso é inseparável daquilo que poderíamos designar muito grosseiramente de uma voz” (1989: 45), sendo que essa voz pode ser apresentada como o *ethos* da revista, com isso, podemos entender o *Ethos* como o que é revelado pelo próprio modo de se expressarem.

<sup>6</sup>Essa definição foi colocada entre aspas, pois é como a revista *Rainha dos Apóstolos* apresenta a rememoração que ocorre na década de 20 e que culmina com as homenagens em novembro de 1928.

8

combatidos. Como podemos ler na passagem da revista *Rainha dos Apóstolos*, de novembro de 1944, artigo de autoria de R. Soares e que chamava a atenção pelo título “Nossa Senhora e o Comunismo”. Segundo o autor, “Nossa Senhora lançará sobre a Rússia comunista o crepe da morte e hasteará no mundo a bandeira da paz tão almejada. Não lhe falta poder”. (SOARES, 1941: 239)

No ano de 1924, a Coluna Prestes passa pela região noroeste do Rio Grande do Sul, sendo a cidade de São Luiz Gonzaga o ponto de convergência de todos os que se rebelaram no sul. Até então não temos nenhuma novidade, a Coluna Prestes percorre um vasto território, entretanto as pessoas da cidade temiam um combate entre os legalistas e os integrantes da coluna, assim prometem que caso não houvessem embates construiriam uma gruta na parte mais alta da cidade em homenagem a Nossa Senhora de Lourdes, o combate não aconteceu e a promessa foi cumprida<sup>7</sup>.

Temos, como propõe Alcir Lenharo (1986) a sacralização da política, pois de uma divergência política organiza-se um movimento religioso. Assim, o evento narrado, da passagem da Coluna Prestes por São Luiz Gonzaga, pode ser entendido como uma das razões que levaram a população a entender os comunistas como inimigos, entendimento que foi reforçado pelo discurso compartilhado entre o Estado e a Igreja Católica nos anos de 1937 a 1945. Novamente, reforçamos a afirmação anterior, isso ao apresentarmos um outro trecho da revista *Rainha dos Apóstolos* em que o comunismo/comunistas são tidos como “inimigos”, no artigo de agosto de 1945, que tem como título “Será possível o comunismo no Brasil”, temos a afirmação de que “Brasileiros alerta! O comunismo ateu ou o totalitarismo marxista é o maior inimigo atual do Brasil, de sua soberania e de sua independência! Fora com eles!”. (RAINHA DOS APÓSTOLOS, 1945: 184)

Ao corroborarmos com o entendimento de verdade presente no texto de Durval Muniz de Albuquerque Junior, segundo ele toda a sociedade institui uma política de verdade, pois é preciso regular a produção do verdadeiro em cada sociedade. Dessa maneira, ao identificarmos que a proposição dos padres jesuítas como mártires foi considerada verdadeira pela sociedade, podemos considerar que o mesmo ocorreu com os “comunistas”, os quais foram apresentados a sociedade brasileira como “inimigos”, sendo que esse discurso foi

---

<sup>7</sup> Esse evento pode ser lido no blog de turismo do município de São Luiz Gonzaga. Disponível em <http://turismo.saoluizgonzaga.blogspot.com.br/2010/04/gruta-nossa-senhora-de-lourdes.html>, extraído em cinco de dezembro de 2012 as 17h e 39 minutos.



9

bastante eficaz nos municípios da região missioneira, os quais haviam vivenciado uma experiência traumática com esse grupo alguns anos antes. Ora, se o Estado e a Igreja católica, instituições com importantes relações de poder<sup>8</sup> na sociedade do período condenavam, a tendência das pessoas era temer o desconhecido, mesmo que não os considerassem inimigos como lhes queria fazer crer o Estado e a Igreja católica.

Ao utilizarmos o termo inimigo, no subtítulo e entre aspas, pretendíamos chamar atenção para a sua utilização, uma vez que na revista encontramos essa definição do comunismo/comunistas. Segundo Bauman (1999), os inimigos são a negatividade em comparação com a positividade dos amigos. Entretanto, o autor apresenta outra classificação de seres híbridos por entender que eles são indefiníveis, que ele denomina de estranhos, pois segundo ele, existem os amigos, os inimigos e os estranhos. Nesse sentido é pertinente a definição de Bauman (1999: 68), segundo ele:

O estranho entra no mundo real e se estabelece aqui, tornando-se assim *relevante* – ao contrário daqueles meramente “não familiares” – quer seja amigo ou não. Ele entrou no mundo da vida *sem ser convidado*, com isso lançando-me para o lado receptor da sua iniciativa, transformando-me no objeto da ação de que ele é o sujeito – tudo isso, lembremos, é marca notória do *inimigo*. Mas ao contrário de outros inimigos “sinceros”, este não é mantido a uma distância segura nem do outro lado da linha de batalha.

A partir da citação observamos a linha tênue entre inimigos e estranhos, o que pode provocar a confusão dessas definições. Entender que o comunismo/comunistas foram apresentados como inimigos, tanto do Estado quanto da Igreja Católica, é o primeiro passo, mas temos de ir além, isso ao identificarmos, a partir das considerações de Bauman, que os Estados nacionais modernos precisam definir seus amigos e inimigos, bem como eliminar (ou ao menos tentar eliminar) os estranhos, assim pretende-se, a partir das definições de amigos, inimigos e estranhos promover o nacionalismo, através da proposição de atitudes coletivas.

Entretanto, antes de nos atermos ao termo ressentimento, é relevante apresentarmos algumas considerações de Bruno Latour (2001) sobre o “medo do governo da massa”, no texto o autor pretende inserir alguns tópicos do social na discussão sobre a realidade. Nesse sentido, o autor apresenta dois medos que tendem a prevalecer no caso da realidade perder sua preponderância, são eles: o temor de um cérebro extirpado que perdeu o contato com o

---

<sup>8</sup> Ao nos referirmos ao conceito de poder, cabe mencionarmos que o entendemos a partir da perspectiva de Bertrand Russell (1990), o qual concebe o poder como o conceito fundamental das ciências sociais. Ainda sobre o conceito, Russell (1990, p. 29) afirma que “o poder pode ser definido como a produção de efeitos pretendidos”.

10

exterior, além do ideário de que se a razão não governar a força prevalecerá. O autor pontua que a segunda ameaça coloca em risco o poder político, sendo que o expediente político passa a penalizar aqueles que defendem o uso da força em detrimento da razão. Entretanto, esses grupos até incitam o uso da força, mas tal proposição advém da necessidade de contestar o poder político.

Nessa perspectiva, do medo do uso da força em detrimento da razão, também se inscreve Pierre Ansart (2001), o autor apresenta esse medo como ressentimento, pois, segundo ele, esse sentimento refere-se ao ódio recalcado dos dominantes quando são alvo da revolta daqueles que consideravam inferiores, não é recente esse imaginário de que a rebelião das “massas” seria capaz de promover a inversão do poder, ou seja, permitiria a população governar.

Assim, podemos inserir nessa proposição, de “medo das massas”, o projeto de mestrado, pois entendemos que houve a construção de um ressentimento<sup>9</sup> entre Estado e Igreja católica em oposição ao que eles denominam de comunismo/comunistas. Pois, o Estado e a Igreja católica são alvo da revolta de um grupo que eles consideravam inferiores, e como resposta se unem (Igreja Católica e Estado) a fim de combater esse “inimigo”, que entendemos como compartilhado por essas instituições e, assim, incitar a população a condena-los. Sendo que, a população passa a denunciar esses “supostos comunistas”, uma vez que ela não se identifica com esse grupo e o traduz como “estranho” ou “inimigo”, ou seja, o ressentimento construído coletivamente pelo Estado e Igreja Católica, ao temer pela manutenção da “ordem” caso o modelo de governo comunista fosse implantado, transmite ao restante da população o sentimento de ressentimento<sup>10</sup> com relação a esse grupo.

O temor ao comunismo/comunistas não era uma característica exclusiva da Igreja católica, o Estado também pretendia conter os “avanços” desse grupo, assim unem-se a fim de

---

<sup>9</sup>Pierre Ansart propõe que para o uso em pesquisas concretas são necessários acréscimos a definição de ressentimento de *Merton*, assim o autor apresenta cinco proposições para complementar a definição de *Merton*, resumidamente, podemos apresentá-las como: 1º) os ressentimentos tem de ser históricos, pois os ressentimentos são um tipo ideal; 2º) a segunda proposição refere-se a intensidade dos ressentimentos, pois não podemos confundir simples hostilidades comuns com delírios criminosos, como os genocídios; 3º) é preciso realizar um estudo da duração (início, meio e fim) do ressentimento; 4º) papel específico de certos indivíduos e grupos que são capazes de canalizar o ressentimento; 5º) consequências políticas desse ressentimento.

<sup>10</sup>Apesar da riqueza do termo *ressentimento* não o exploramos como o pretendido, pois identificamos que era necessário a confrontação das fontes, as quais, ainda, não forma totalmente coletadas, entretanto pretendemos aprimorar essa discussão em trabalhos futuros.

11

combater esse “inimigo”. E para combatê-lo nada melhor do que um exemplo a ser seguido, no caso coube aos apóstolos esse papel, tendo destaque o Pe. Roque, como identificamos no sermão realizado pelo Arcebispo Metropolitano por ocasião da recepção da venerável relíquia do coração do Beato Padre Roque Gonzalez, realizado no dia 24 de fevereiro de 1940, e publicado na revista *UNITAS* em março do mesmo ano. “E o nosso dever, portanto, imitar o exemplo do Beato Padre Roque, o seu exemplo de perseverança e de santa interpreidez em favor da religião e da prosperidade do Rio Grande. Em nossos trabalhos e lutas a sua imagem a de inspirarmos, a de dar-nos ânimo e coragem!”. (*UNITAS*, 1940: 159)

Assim, temos um “inimigo”, o comunismo/comunistas, e um exemplo a seguir, nas palavras da revista a perseverança e a interpreidez do Pe. Roque Gonzalez. Nesse sentido, a realidade só é construída se identificarmos a relação dos eventos dos anos 20, Coluna Prestes e rememoração do assassinato dos padres jesuítas, com a união entre Estado e Igreja católica nos anos 30 e 40, a qual ocorre em nível nacional.

#### 4. Considerações Finais

Dessa maneira, consideramos que a Companhia de Jesus assumiu uma postura política ao fortalecer a imagem dos padres desde as comemorações do tricentenário de seus martírios em 1928. A construção desses padres como figuras honráveis ocorreu em um período em que foi forjada uma nacionalidade brasileira, momento em que foi necessário que a população tivesse “bons” exemplos a seguir. Com isso, observamos que durante a década de 30, a Companhia de Jesus precisou respaldar-se em figuras que fossem reconhecidas pela sociedade, pois iria completar seu quarto centenário. Além disso, durante este mesmo período, também podemos observar uma aproximação entre Estado e a Igreja católica a fim de combater o “inimigo”, o comunismo/comunistas.

Segundo, Ansart-Dourlen os atos da sociedade são gerados por anos de humilhação. Neste caso, a humilhação consistia no medo de um governo das massas, pois o Estado temia a tomada de poder pelas massas, que estavam incitadas pelos ideais comunistas. Dessa forma, as ações da Igreja e do Estado não se contentavam em fazer o bem, mas em purgar todo o mal.

Os elementos que apresentamos no texto permitem percebermos a importância das revistas *UNITAS: Revista Eclesiástica da Arquidiocese de Porto Alegre* e *Rainha dos Apóstolos* como fontes primárias para o estudo da relação entre o Estado e a Igreja católica no

12

Rio Grande do Sul, particularmente no que tange ao papel político assumido pela Igreja católica no período. As mensagens presentes nas revistas, chegavam as paróquias do Rio Grande do Sul ao serem lidas em sermões, ou seja, eram levadas a um conjunto maior de fiéis ultrapassando o número de revistas publicadas.

Com isso, podemos observar a existência de um projeto de modernização adotado pelo governo de Getúlio Vargas, principalmente no que se refere à condução política do país. Dentro deste projeto, não podemos deixar de ressaltar que a articulação do Estado com a Igreja católica foi uma das marcas que garantiu tanto os interesses do Estado como os da Igreja.

## 5. Referências

ANSART, Pierre. História e memória dos ressentimentos. In: BRESCIANI, Stella. NAXARA, Márcia. **Memória e (res)sentimento: indagações sobre uma questão sensível**. Campinas, SP: Unicamp, 2001. p. 15-36.

ANSART-DOURLIN, Michele. Sentimento de humilhação e modos de defesa do eu. Narcisismo, masoquismo, fanatismo. In: MARSON, Isabel. NAXARA, Márcia (org.). **Sobre a humilhação: sentimentos, gestos e palavras**. Uberlândia, MG: EDUFU, 2005, p.85-104.

BAUMAN, Zygmunt. A construção social da ambivalência. In: **Modernidade e ambivalência**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1999, p.62-84.

FOUCAULT, Michel. **Arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.

LATOUR, Bruno. Você acredita na realidade? In: **A esperança de Pandora**. Bauru: EDUSC, 2000.

LE GOFF, Jacques. Memória-História. In: Enciclopédia Einaudi. V. 1. Verbetes "Documento/monumento". Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1984.

LENHARO, Alcir. **Sacralização da política**. Campinas, SP: Papyrus, 1986.

MAINGUENEAU, Dominique. **Novas tendências em análise do discurso**. Campinas: Pontes/EDUSC, 1989, p. 29-52.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Tradução de Yara Aun Khoury. **Revista do Programa de Estudos Pós-graduados em História do Departamento de História da PUC-SP**, São Paulo, n. 10, p. 7-28, dez. 1993.

OLIVEIRA, Paulo Rogério de. **O encontro entre os guarani e os jesuítas na Província Jesuítica do Paraguai e o glorioso martírio do venerável padre Roque González nas terras de Ñezú**. 2009. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

**Rainha dos Apóstolo**, Arquivo Provincial Palotino, números vários (1937-1945)

**UNITAS: Revista Eclesiástica da Arquidiocese de Porto Alegre**, número vários (1937-1945)

SEIXAS, Jacy Alves de. Percursos de memórias em terras de história: problemas atuais. In: BRESCIANI, Stella. NAXARA, Márcia. **Memória e (res)sentimento**: indagações sobre uma questão sensível. Campinas: Unicamp, 2001, p.37-58.

\_\_\_\_\_. Tênuas fronteiras de memórias e esquecimentos: a imagem do brasileiro jecamacunaímico. In: GUTIÉRREZ, Horacio; NAXARA, Márcia Regina Capelari; LOPES, Maria Aparecida de S. (orgs.). **Fronteiras**: paisagens, personagens, identidades. São Paulo: Olho D'Água, 2003, p.161-183.